

maiores que gravitam em torno de estrelas. De *algum* ponto de vista, alguns padrões serão sempre permanentes. Porém nós, seres humanos, no decorrer de nossa vida diária e do ponto de vista da história particular, não nos vemos no âmbito do muito pequeno nem do muito grande. Extraímos apenas algum consolo do fato de que nossa família — ou escola, ou nação, ou estrela — continuará como sempre depois que nos formos. Este ir embora, a inevitável e necessária finitude, existe para assombrar todos os dias de nossas vidas. Para alguns, é uma sombra que recai sobre tudo o que fazem, para outros, um escândalo que cancela todos os significados e valores. Para escapar a essa sombra, para negar o escândalo, para transcender a finitude em si, a maioria de nós ou acredita ou espera que haja algum tipo de imortalidade pessoal, alguma sobrevivência de nós mesmos enquanto seres que pensamos e vivenciam. Mas haverá fundamento para tais esperanças?

Tradicionalmente, qualquer expectativa de imortalidade vem apoiada na crença da existência de uma alma pessoal e imortal, independente do corpo, e que sobrevive a sua morte; ou na existência de algum tipo de ressurreição corporal que desponta presumivelmente pela ação de um Deus transcendental. Uma terceira idéia, acalentada pelos espiritualistas até os dias de hoje, é a do “homem sombra” ou “corpo astral”, algo nebuloso, etéreo e fantasmagórico que se separa do corpo físico no momento da morte, mantendo, entretanto, forma suficiente para ser reconhecível como a pessoa que foi. Cada uma dessas idéias, em menor ou maior grau, agride frontalmente a sensibilidade científica moderna.

A idéia de um corpo astral flutuando para fora de meu cadáver imóvel, prosseguindo em seu próprio caminho, seja lá para que lugar aonde os corpos astrais costumam ir, é atraente e interessante e, sob muitos aspectos, a mais concreta daquelas três especulações sobre a imortalidade. É impossível não imaginar qual será sua física ou perguntar-se por que ninguém ainda não conseguiu detectar “influências astrais” pairando perto de cadáveres, apesar dos esforços de pesquisa da física moderna.

Da mesma forma, a noção de que minha alma imortal estará mais livre e feliz no além, sem limitação física, parece muito forçada para que as pessoas com algum discernimento acreditem. De fato, toda essa idéia de alma imortal, encarnada ou não, planta-se firmemente sobre o dualismo platônico e cartesiano — a idéia de que o corpo e a alma (a consciência e o cérebro) estão ligados apenas acidentalmente. Mas, conforme vimos antes, tanto as experiências de separação dos hemisférios cerebrais como a física da consciência argumentam contra a separação entre mente e corpo.

Portanto, que caminho tomar agora? Se, conforme argumentam filósofos e teólogos, algum tipo de dualismo platônico é pré-requisito para qualquer doutrina viável de imortalidade ou sobrevivência do ser,¹ e se tal dualismo já não se sustenta, devemos então abdicar de toda esperança de haver algum tipo de vida consciente significativa após a morte?

O existencialista cristão francês Gabriel Marcel, por exemplo, pensava que não, embora rejeitando todas as formas de dualismo. “Parece-me”, escreveu ele em um de seus trabalhos sobre a imortalidade, “que devemos começar observando que não há como tratar a absoluta cessação da consciência como um fato”,² nem a absoluta cessação de um ente amado como possibilidade.

Marcel pensava apenas a respeito de relacionamentos com os mortos, até mesmo em diálogos com os mortos,³ ambos possíveis em consequência da intimidade experimentada durante a vida entre os que se amam. Enquanto a pessoa com quem nos relacionamos está viva, argumenta ele, entramos tão fundo nela que sabemos o que ela *diria* ou *pensaria* em dada circunstância, e assim conseguimos nos relacionar com ela como uma presença viva *agora*, não só como memória.

Uma posição como a de Marcel traz algum consolo aos vivos, oferecendo-nos uma imagem de como, pela recusa em abandoná-los, podemos manter os mortos sempre conosco. Mas sem dizer como pode existir uma base física para tal ligação, alguma mecânica verdadeira que prenda os mortos a este mundo, a noção de